O BRASIL NA GUERRA

Tácito Theóphilo G. Oliveira

Terminou a I Grande Guerra sem trazer ao mundo a almejada paz. O Tratado de Versalhes e a Liga das Nações não foram capazes de estabelecer o equilíbrio sócio-econômico-político indispensável aos interesses e convivência harmônica das nações européias.

Na Alemanha, o surgimento do Nacional Socialismo levou ao poder Adolfo Hitler, em 1933, como Chanceler e, depois, como Presidente. Na Itália, o Fascísmo, implantado desde 1922, sob a liderança de Benito Mussolini, sente-se fortalecido e, em 1935, lança-se à conquista da Abissínia.

Apoiado pelos militares, Hitler abandona a Liga das Nações, cria uma poderosa Força Aérea, expande o Exército e moderniza a Marinha. Em 1936, contava com cerca de 1,5 milhão de homens em armas e seus arsenais trabalhavam ativamente. Quando a França firmou um acordo com a Rússia, Hitler, em represália, ocupou a Renânia. A seguir anexou a Áustria e dominou a Checoslováquia. A fim de garantir-se a leste, assinou um pacto de não-agressão com os russos.

O ano de 1939 inicia-se sob grande tensão internacional. Inglaterra e França vêem com apreensão os acontecimentos se precipitarem mas, despreparados, procuram negociar fazendo concessões, ganhando tempo.

A Polônia nega-se a ceder ao Reich o "Corredor Polonês" e Dantzig (Gdansk). Inglaterra e França apóiam a decisão polonesa. A 1º de setembro as tropas nazistas atacam de surpresa e em 20 dias derrotam a Polônia. França e Inglaterra, embora não podendo socorrer, a tempo, seu aliado, declararam guerra à Alemanha.

Enquanto isto a Rússia apossava-se da parte L. da Polônia, invadia a Finlândia e ocupava a Estônia, Letônia e Lituânia.

Em abril de 1940 a Alemanha leva a guerra para o N., invadindo a Dinamarca e a Noruega. No mês seguinte avança sobre a Holanda, Bélgica e Luxemburgo. A França, fiada na inexpugnabilidade da Linha Maginot, trava uma guerra defensiva, e, surpreendida, não podendo deter a impetuosidade do avanço nazista, capitula. A Itália na guerra ao lado da Alemanha.

Restava só a Inglaterra, com o que pudera salvar do seu exército na Retirada de Dunquerque. Impossbilitados de transpor o Canal da Mancha procuraram os alemães dominá-la através de bombardeios aéreos e fustigá-la, indiretamente, no Mediterrâneo e na África do Norte.

Não podendo permanecer inativa, em abril de 1941, a Alemanha invade a Iugoslavia e a Grécia e avança até a ilha de Creta.

Sem se refazer da luta, em junho, Hitler atacou seus aliados russos com 180 divisões, apoiados por 3.200 aviões. Detidos antes de chegar a Moscou e Leningrado os soldados alemães, surpreendidos pelo rigoroso inverno, amargam suas primeiras derrotas.

A 7 de dezembro, o Japão ataca de surpresa os Estados Unidos, em Pearl Harbor.

Formava-se o Pacto Tripartite (Pacto de Berlim, assinado em 1940: Alemanha, Itália e Japão) mediante o qual Alemanha, Itália e Japão reconheciam a criação de uma nova ordem na Europa e na Ásia, dando a cada nação o direito de conquistar o espaço vital de que necessitasse.

À Inglaterra indômita, submetida a terríveis bombardeios, lutando no ar e no mar, mobilizando jovens e velhos para a defesa das ilhas vinham, afinal, juntar-se os Estados Unidos da América. A aliança nascera com a Lei de Empréstimo e Arrendamento e se consolidara com a carta do Atlântico.

Até então as Américas, isoladas e seguras, mostravam-se pouco interessadas nos conflitos europeus. Limitavam-se as Nações Americanas, num movimento instintivo de defesa a estreitar os laços da União Pan Americana, através de Reuniões de consulta de seus Ministros das Relações Exteriores.

Tais Reuniões realizaram-se, defasadas no tempo,, após a rendição da Polônia, da queda da França e do ataque a Pearl Harbor. Na primeira, prevaleceu o desejo de neutralidade. Na seguinte, uma "Declaração de Assistência Recíproca e Cooperação para a Defesa" estatuía que qualquer ação contra um Estado americano seria considerada um ato de agressão a todos. Finalmente, na reunião do Rio de Janeiro, o ataque japonês foi considerado como uma agressão a todos os Estados americanos.

Nessa época a guerra já atingia os interesses brasileiros; ora ingleses, ora alemães interferiam em nosso comércio, paravam nossos barcos para retirar passageiros ou cargas e até mesmo realizavam atos de hostilidade. Já se tornava difícil manter a neutralidade.

As relações diplomáticas com a Alemanha foram esfriando e por espírito de solidariedade americana acabaram sendo rompidas. E aí se intensificou a luta dos corsários inimigos contra nossa Marinha Mercante, que haveria de custar-nos a perda de 8 Comandantes, 469 tripulantes e 502 passageiros, com o afundamento de 31 navios ou 117.530 t, correspondentes a 20% de toda a nossa arqueação naval. Os torpedeamentos atingiram o Cabedelo, o Buarque e Olinda, entre 14 e 18 de fevereiro; e foram aumentando: Arabutã, Cairu, Parnaíba, Comandante Lira, Gonçalves Dias, Alegrete, Pedrinhas, Tamandaré, Barbacena e Piave. Finalmente chegaram às costas do Nordeste: — Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo, foram afundados na noite de 15/16 de agosto e o Itagibe e o Arara, no dia seguinte.

Quando a Nação tomou conhecimento desse ato de pirataria perpetrado nas nossas águas, com todo o requinte de selvageria, levantou-se indignada; por toda parte houve manifestações de desagravo à honra nacional. A 22 foi reconhecida "a situação de beligerância entre o Brasil e as Nações agressoras — Alemanha e Itália". A 31 de agosto de 42 era decretado o estado de guerra em todo o território nacional e logo depois a mobilização geral. Entrava o Brasil na II Grande Guerra quando a situação era obscura e difícil. As potências do eixo dominavam praticamente toda a Europa, o Mediterrâneo e o Extremo Oriente; seus submarinos estrangulavam as comunicações marítimas nos sete mares com o afundamento de pesada tonelagem diária; suas operações aéreas se caracterizavam pelo emprego maciço e indiscriminado de bombardeio das cidades. A Inglaterra apenas resistia e os Estados Unidos estavam ainda se recuperando da surpresa de Pearl Harbor que os deixara combalidos. Era assim francamente desfavorável a situação dos aliados quando o Brasil, por um imperativo da honra nacional resolveu abandonar sua neutralidade e enfileirar-se ao lado dos que combatiam a tirania nipo-nazi-fascista.

A partir desse instante redobrou o esforço de guerra da Nação privada das importações e tendo que exportar a baixo custo suas matérias-primas. A indústria incipiente pouco produzia; os transportes se ressentiam da falta de renovação de material; surgiu o racionamento de combustíveis, energia e gêneros; foi estabelecida a coordenação da Mobilização Econômica; a mão-de-obra era mobilizada para a Batalha da Borracha e dos Minerais Estratégicos. A receita de 4,5 bilhões de cruzeiros teve que ser reforçada pelas Obrigações de guerra. O Exército tinha apenas 60.000 homens e seu equipamento de procedência européia era antiquado e deficiente. A Marinha tinha 14.000 marujos distribuídos por 2 encouraçados, 2 cruzadores, 7 CT e algumas unidades menores, todas superadas no tipo e no armamento. A Força Aérea, proveniente da fusão das Aviações Militar e Naval contava apenas com aparelhos já obsoletos face ao rápido desenvolvimento da aviação. A guerra encontrava o país despreparado militarmente; sem comunicações, sem indústria de base.

O esforço para equipar o Nordeste ameaçado e isolado e onde se haviam instalado bases aéreas norte-americanas foi muito grande e exigiu sacrifícios enormes. É fácil imaginar: a) o que foi triplicar o efetivo do Exército que não dispunha de reservas capacitadas nem em número suficiente; b) o que foi necessário à Marinha para equipar e levar à ação os novos navios adquiridos; c) o que custou à Força Aérea ampliar sua estrutura de apoio e preparar pilotos para seus modernos aviões.

Mas, bem ou mal, cumpriram as FA sua missão constitucional de defender a Pátria e de desagravar a honra nacional, vigiando nossas praias e águas costeiras e, levando pela primeira vez na história, o soldado brasileiro a lutar na Europa.

Foi a atuação da FEB, dos comboios e escoltas da Marinha e do 1º Grupo de Caça que deu ao Brasil o direito de falar quando a ambicionada paz voltou ao mundo.

Não poderia a colaboração brasileira à causa aliada limitar-se a uma ação defensiva e por isto advogou o Gen. Leitão de Carvalho, Chefe da Comissão Militar Mista de Washington, a participação de uma Força Expedicionária Brasileira no TO europeu.

Nascia assim a FEB, sendo consultado imediatamente o Gen. Mascarenhas de Morais se aceitava o Comando de uma Divisão. Respondeu o velho soldado ao Ministro da Guerra: "Muito honrado e com satisfação respondo afirmativamente a consulta que V. Exa. acaba de fazer-me".

Isto foi a 9 de agosto de 1943.

A organização da 1ª DIE foi feita à base dos 1º, 6º e 11º RI e de Grupos dos 1º e 2º RO AR, unidades aquarteladas no Rio, São Paulo, Caçapava e São João Del Rei, isto para não falar no 9º BE, sediado em Aquidauana. Outras Unidades tiveram que ser criadas, pois, não existiam na nossa organização. Pode-se avaliar o que foi mobilizar, fardar, instruir, enquadrar e concentrar essa tropa no Rio de Janeiro.

O transporte dos 25.000 expedicionários para o TO da Itália redundou em complicado problema de E. Maior de vez que foi preciso apelar para os Estados Unidos que passaram a fornecer, à medida de suas disponibilidades, dois navios "Gen Mann" e "Gen Meigs" para esse fim.

A 2 de julho zarpava o "Gen. Mann" com 5.000 homens do 1º escalão, comandados pelo Gen. Mascarenhas de Morais, depois de uma interessante movimentação de tropa destinada a iludir os agentes inimigos. A 22 de setembro cerca de 10.300 homens, constituindo os 2º e 3º escalões partiram do Rio com os grupamentos táticos restantes da 1ª DIE. Mais dois escalões seguiram para a Itália com elementos de recompletamento da FEB. Todos os combatentes ainda guardam bem nítidos na memória os 14 dias vividos nquelas cidades flutuantes de 5.000 homens que ao escurecer se trancavam para só libertar seus passageiros na manhã seguinte e onde a vida se limitava a assistir os exercícios de tiro, olhar o mar e a escolta, durante o dia, e em tentar dormir durante a noite. A chegada ao porto de destino punha de imediato o combatente em contato com os rastros de destruição e miséria deixados pela guerra. Daí para a frente de combate o transporte se fazia por trem, caminhão, navio de desembarque, etc.

Quando a 6 de outubro os 2º e 3º escalões aportaram à Itália, o GT 6 que havia chegado a 16 de julho já tinha recebido armamento, terminado o exercício teste de instrução e sido empregado no vale do Serchio.

É necessário que neste ponto se examine a situação do "Front" italiano para que se tenha idéia do emprego das tropas brasileiras.

Terminada a campanha da África americanos e ingleses lançaram-se sobre a Sicília. O sucesso obtido ocasionou a queda de Mussolini que o Rei Vitor Emanuel III substituiu pelo General Badoglio. A ação do 8º Exército

Inglês ao S. da Península e a fuga de Mussolini significavam a possibilidade do próximo afastamento da Itália da guerra. Por isto o Gen. Alemão Kesselring assumiu o controle completo da situação disposto a fazer durar a frente italiana. Para tanto estabeleceu-se defensivamente cobrindo Nápoles e Foggia. E quando o 5º Exército americano desembarcou nas praias de Salermo teve que lutar desesperadamente para não ser lançado de volta ao mar. Estabelecida a junção dos 5º e 8º Exércitos estava constituído o 15º Gr Ex sob o Comando do General Alexander. Kesselring teve que abandonar a posição e retirar-se para o N., estabelecendo uma linha defensiva nos rios Volturno e Garigliano destinada a cobrir Roma. Travou-se nova luta, sangrenta e demorada onde o mosteiro de Casino passou a constituir uma legenda de heroísmo para os contendores. Só então montaram os aliados um novo desbordamento marítimo com o desembarque em Ânzio. Viram-se assim os alemães compelidos a abandonar a defesa de Roma, considerada "cidade aberta" e onde os aliados entraram triunfantes a 4 de junho de 1944. A 6, operava-se o grande desembarque nas praias da Normandia. Várias Grandes Unidades foram então retiradas da frente italiana, inclusive o Corpo Expedicionário Francês, para constituir o VII Ex. destinado a invadir o S. da França. Os feitos espetaculares da invasão não impediram que a luta na Itália redobrasse de intensidade. Abandonando Roma, os alemães empreenderam uma retirada para o N., acompanhados de perto pelos aliados. Mas o V Ex. do Gen. Mark Clark chegou ao rio Arno muito desfalcado. Preparava-se para atacar na direção Florença-Bolonha quando uma ação do VIII Ex. sobre Rimini obrigou os alemães a rocarem meios para L., abandonando o corte do rio Arno e se retirando para a chamada Linha Gótica, estabelecida nos Apeninos e destinada a impedir o acesso ao rico vale do Pó.

Foi a 13 de setembro de 1944 que o 1º escalão chegado à Itália passou a constituir um Destacamento sob o comando do Gen, Zenóbio e recebeu ordem de substituir elementos norte-americanos na frente do divisor de águas Tirreno-Serchio, a fim de restabelecer contato com o inimigo, sondar-lhe o dispositivo e persegui-lo em caso de retirada. A missão era simples mas o terreno ingrato com elevações de 300 a 1.300m e a frente muito larga. Foi aí que a FEB obteve suas primeiras vitórias e enterrou seus primeiros mortos. Dez dias depois passou a operar no vale do Serchio conquistando novas vitórias e amargando seu primeiro revés. De 13 de setembro a 31 de outubro o destacamento FEB havia progredido 40km, liberado várias cidades, feito 208 prisioneiros e sofrido 290 baixas. A 10 de novembro assumiu o Gen. Mascarenhas de Morais o controle da totalidade de seus meios e logo iniciou (de conformidade com o que ficara assentado, na Conferência do Passo de Futa, pelo Gen. Mark Clark), a rocada da sua tropa do vale do Serchio para o vale do Reno, distante 120 km. Diz o nosso Mar. Mascarenhas de Morais: "Com certo espanto nosso, a frente de combate assumiu tal tranqüilidade que não se registrou nenhum aconteci-

mento importante durante a montagem do dispositivo. Apesar disso, fora sobremaneira honrosa e áspera a herança que coubera à Divisão Brasileira naquele setor de guerra". Tinha razão o grande cabo de guerra — sua Divisão constituída de elementos heterogêneos estava com um GT em linha há dois meses, com seus GO adestrados e já entrando em linha, mas com dois RI recebendo armamento e equipamento e iniciando a instrução quando o IV C Ex. decidiu reiniciar as operações ofensivas, obrigando a 1ª. DIE a fazer um emprego prematuro de seus meios. Vem assim trazido às pressas o 1º RI para substituir o 6º RI. E logo depois o 11º RI. Ia ter início a fase de Defensiva Agressiva que se estenderia até 12 de dezembro.

O setor entregue à 1ª DIE ficava à oeste da estrada 64, pela qual a 1ª DB americana tentara inutilmente chegar a Bolonha.

Essa estrada 64, correndo ao longo do vale do rio Reno é completamente dominada pelas alturas que constituem o divisor de águas entre esse Rio e o Panaro. Nesse maciço, verdadeiro anfiteatro, destacam-se: M. Belvedere e M. Della Torracia. Intimamente ligado à Torracia, do qual constitui um enorme esporão, está M. Castelo, sentinela avançada desse conjunto montanhoso. Castelo, além de permitir um flanqueamento de fogos admirável, como que se oferece a um ataque, de vez que suas encostas se apresentam suaves comparativamente com as de M. Belvedere. Convém salientar que, para quem atacasse ao longo do divisor, a queda de M. Castelo muito facilitaria a conquista de M. Della Torrácia e vice-versa.

O inimigo em presença pertencia à 232 DI, formada e treinada na Alemanha, que enquadrava, também, pessoal proveniente da frente russa. Atuando desde setembro de 44 em território italiano conseguira, mediante aprimorada organização do terreno, tirar o máximo proveito de seu armamento. M. Castelo dispunha de organização original; não havia trincheiras e sim casamatas, algumas sob casas ou mesmo sob árvores e dispostas de tal maneira que se protegiam mutuamente; os campos de minas eram extensos e bem localizados. Baseando seu sistema de defesa no tiro aproximado o disfarce chegava quase à perfeição, de tal sorte que o atacante só podendo identificar uma casamata de muito próximo era em geral, colhido pelo fogo mortífero antes de poder abrigar-se ou atirar.

Os primeiros ataques a M. Castelo fora realizados a 24 e 25 de novembro de 44 por um Grupamento Tático de 45 DI norte-americana, reforçado por tropas brasileiras. O ataque do dia 24 redundou em fracasso mas o mesmo não se deu a 25 quando M. Castelo e M. Belvedere foram atingidos. Um contra-ataque alemão apoiado por carros de combate ocasionou a perda de M. Castelo. Além das baixas sofridas pela tropa brasileira em reforço, esses ataques alertaram o inimigo sobre a importância da posição.

Sem perda de tempo o Comando americano determinou que nova operação fosse levada a efeito mas, dessa vez por tropas brasileiras. E assim, a Divisão Expedicionária, já distendida numa frente de 15 km, mal

treinada e pouco conhecedora do terreno, teve que atacar M. Castelo a 29 de novembro.

O Plano do IV Corpo de Exército determinava:

"Primeiro: Conquista de M. Castelo, a fim de impedir que o inimigo tivesse vistas sobre a estrada 64;

Depois: atacar a crista Belvedere-Torracia, para repelir o inimigo das cotas 1027 e 1053 daquela crista, mediante ação combinada da 1ª DIE e Task Force 45".

Foi organizado o Grupamento de Ataque, sob o comando do Gen. Zenóbio da Costa com um Btl de cada RI (I/I; III/II e III/VI) e três Pelotões de carros de combate americanos. O apoio seria dado por dois Grupos de Artilharia em apoio direto e um em ação de conjunto; o IV C Ex reforçaria as ações em proveito do ataque.

A tomada do dispositivo de ataque, durante a noite, foi penosíssima; além do terreno escarpado e enlameado havia necessidade de manter o sigilo. Só isto bastaria para dificultar o ataque na manhã seguinte mas, como se fora pouco, a tropa americana que mantinha Monte Belvedere foi contra-atacada, cedendo suas posições e deixando alguns carros e cerca de 60 prisioneiros. Nascia deste modo uma séria ameaça ao flanco esquerdo brasileiro.

Após uma preparação de artilharia, o ataque partiu e até o meio-dia progrediu bem, apesar do nutrido fogo inimigo, Na segunda parte da jornada, começaram as flutuações, ora à esquerda ora à direita; houve avanços e recuos. A queda precipitada da noite impediu o emprego do Batalhão reserva mas permitiu ao comando retrair seu escalão de ataque.

Mais uma infrutífera tentativa se fizera pela posse de M. Castelo; no entanto, as 190 baixas sofridas pelos brasileiros são um atestado eloqüente do destemor, da bravura e do espírito ofensivo dos nossos oficiais e praças.

Mal refeita do insucesso a 1ª DIE, a 5 de dezembro, recebe nova ordem de ataque: Capturar e manter a crista Belvedere-Della Torracia.

Depois de meticuloso reconhecimento e estudo decidiu o Gen. Mascarenhas "Capturar Castelo e isolar Della Torracia do maciço Belvedere Gorgolesco, no primeiro tempo de ação ofensiva", de vez que a larga frente a defender não lhe permitia atacar o escarpado M. Belvedere.

O Grupamento de Ataque, sob o comando do Gen. Zenóbio seria constituído pelo 1º RI (menos o 1º Btl) e apoiado pelas Cias. de Obuses e de Petrechos do 11º RI, uma Cia. de carros de combate americana, dois Grupos de Artilharia em apoio direto, um Grupo em ação de conjunto, e contando ainda com o reforço de fogos de 1º Grupo americano. O esforço seria feito na direção C. Guanela-Cota 887.

O ataque deveria partir de surpresa, enquanto no flanco direito se faria uma ação diversionária. Os aguaceiros dos dias anteriores tornaram ainda mais difícil a progressão na escarpada zona de ataque. O dia 12 amanhecera chuvoso e uma forte neblina impedia a visibildade. Esses fatores que

facilitariam a surpresa foram anulados por um inesperado bombardeio americano sobre Belvedere, no momento justo em que o Btl. Franklin transpunha a linha de partida. O Btl. Syseno pouco progrediu e por isto foi empregado o III/11º RI, reserva do ataque, o qual se deslocou por um itinerário muito longo, devido ao nevoeiro. Apesar do que se passava à sua direita o Batalhão Franklin lançou-se resolutamente para a frente "transpôs a primeira zona de barragem inimiga" e procurou arrojadamente atingir o cimo do fatídico morro. Alguns bravos chegaram até lá e ficaram para imortalizar com seu gesto o heroísmo do soldado brasileiro. Seus corpos insepultos seriam encontrados mais de 2 meses depois. A reação inimiga foi tremenda e o Btl. Franklin colhido por fogos frontais e de revés foi obrigado a recuar. Começava a noite a cair rapidamente e por isto às 15:00 h foi dada por encerrada a operação. Ainda se ouvia o gargalhar sinistro e agourento da "lourdinha" alemã. Os nossos homens do serviço de saúde trabalhavam sem cessar desde a linha de frente até os hospitais, distinguindo-se por sua coragem, sangue-frio e dedicação. Custou-nos esse combate 140 baixas, mas, a História Militar Brasileira ganhou uma página repleta dos mais dignificantes atos de heroísmo.

Profunda foi, no seio da tropa, a repercussão dos insucessos sofridos. Se relembrarmos que o *pracinha* inexperiente teve que se defrontar com um inimigo que vinha fazendo a guerra há 5 anos; que as baixas sofridas em 28 dias atingiam a mil homens; que era evidente a desproporção entre os meios empregados e os objetivos atribuídos à 1ª DIE, pelo comando superior e, ainda, se atentarmos para as variadas circunstâncias que levaram a tropa brasileira a esses sucessivos reveses, então, poderemos avaliar melhor os efeitos psicológicos negativos e sua repercussão sobre o moral da tropa.

Mas, das vicissitudes nasceram os ensinamentos e, o maior deles é o de que o soldado se forja no combate. A confiança em si ele só a adquire sob o fogo inimigo, vencendo as intempéries, sobrepujando os sofrimentos diários naquele inferno que é o campo de batalha.

Com a chegada do inverno o combatente brasileiro se transformou, mesmo na indumentária. Seu valor como homem e como soldado apareceu nítido nas lutas diárias das patrulhas, nos golpes de mão, na luta corpo a corpo, nas caminhadas pela "terra de ninguém" e dentro das próprias casamatas inimigas de onde o pracinha ia arrancar, na ponta da faca o "tedesco" atrevido e manhoso.

Quando o sol de fevereiro começou a derreter a neve dos Apeninos, aqueceu, também, os corpos bronzeados de novo soldado brasileiro.

A aproximação da primavera dava a todos a certeza de uma ofensiva que poria fim à guerra. Já em duas reuniões no QG do IV C Ex o Gen. Critenberg expusera seus planos e ouvira a opinião dos comandantes de Grandes Unidades. Uma operação preliminar seria levada a efeito, ainda em fevereiro, ao longo do divisor de águas do Reno e do Panaro; desta forma, além de privar-se o alemão dos excelentes observatórios de que

dispunha conseguir-se-ia uma magnífica Base de Partida para a ofensiva final. Dessa operação seriam encarregadas a 10ª Divisão de Montanha americana e a 1ª DIE; aquela se apossaria de M. Belvedere e a partir daí a Divisão Brasileira entraria ao seu lado e juntas prosseguiriam.

Do lado brasileiro a operação foi montada minuciosamente consistindo a manobra do Gen. Mascarenhas em:

— ação ofensiva principal, a cargo do 1º RI contra Monte Castelo/La Serra;

— ação secundária, a cargo do II/11º RI, destinada a cobrir o flanco L do 1º RI;

— atitude defensiva no restante da frente. Ao Cel. Caiado de Castro foi dada missão de:

— atuando na direção geral Gaggio Montano — M. Castelo-La Serra, ultrapassar os elementos da 10ª Div. Montanha na região de Mazzancana e conquistar a região cota 875-Fornace.

— apoderar-se da linha Melandrone-Cravullo-Vale, progredindo pela crista S do Melandrone e pelo eixo La Roncole-Cota 877; e

— atingir a linha Roncovecchio-Seneveglio.

Às 23:00 h do dia 19, com dois Regimentos em primeiro escalão, e sem preparação de artilharia, lançaram-se os montanheses do Gen. Hays ao ataque. A guarnição de Monte Belvedere foi completamente surpreendida. Ao clarear do dia 20 a 10ª de Montanha tomou de assalto Monte Belvedere e em seguida conquistou Gorgolesco. A partir daí a reação alemã foi poderosa; muitos contra-ataques foram desencadeados.

Ao fim de jornada a 10ª de Montanha com o apoio de várias unidades de carro e 150 canhões de vários calibres atingiu Mazzancana.

Era impossível disfarçar a impaciência dos brasileiros, fruto da incerteza e do nervosismo. Ao escurecer o Btl. Uzeda (I/I) substituiu os americanos em Mazzancana, o Btl. Franklin ocupou sua base de partida enquanto o Btl. Syseno era mantido em reserva.

Amanhecera festivo o dia 21, com o troar dos 66 canhões que apoiavam nosso ataque. A esquadrilha de caça brasileira que desde véspera vinha cooperando com a 10a. de Montanha nessa jornada de 21 escreveu uma página de glórias para a FAB. Com seus piquês audaciosos atacou um por um os ninhos de resistência germânicos; seu auxílio ao combate da infantaria foi uma demonstração do valor e da coragem dos pilotos brasileiros.

Às 05:30 desembocou o ataque da Infantaria que deveria envolver M. Castelo num abraço fatal. Lançou-se ousadamente o Maj. Uzeda ao longo da crista em sua ação de flanqueameto, enquanto o Btl. Franklin realizava a ação frontal.

Convém lembrar que as ações dos brasileiros sobre Castelo e dos americanos sobre Della Torracia seriam simultâneas. Mas tal não se deu porque a reação dos nazistas contra os americanos à nossa esquerda era extraordinária. Nem por isto diminuiu o ritmo do ataque dos brasileiros,

superiormente apoiados pela artilharia do Gen. Cordeiro de Faria. O Grupo Souza Carvalho nessa jornada consumiu 3.696 projetis e realizou 185 missões de tiro.

Pouco antes de meio-dia começou o Btl. Uzeda a encontrar encarniçada resistência; metralhadoras e morteiros ceifavam as vidas de nossos homens. Só depois de subjugados os defensores de Carge e Cota 1036 conseguiu o Btl. retomar a progressão.

Às 14:30 o Btl. Franklin apossou-se de Fornello e o Btl. Uzeda conquistou as Cotas 930 e 875. Nessa ocasião o Cel. Caiado impulsionou sua reserva, ameaçando assim Castelo por mais uma direção (L). Sobre Abetaia prosseguia o Btl. Ramagem (II/11º RI).

Às 16:00 a artilharia cobriu M. Castelo com uma potente concentração, engolfando-o numa nuvem de ferro, fogo e fumo.

Num redobrado esforço, arrojou-se a infantaria e bem no alto do Morro encontraram-se o 1º e o 3º Batalhões de Regimento Sampaio. Nenhum conseguira antecipar-se ao outro. Eram 17:20.

À vitória de Monte Castelo seguiu-se o combate de La Serra nos dias 23 a 25. Castellnuovo caiu em mãos brasileiras, a 5 de março, num espetacular ataque, cujo final se fez à luz de projetores. Trégua por alguns dias reinou em nossas linhas.

Nossa frente continuava muito distendida e era intenso o movimento de patrulhas.

O Plano para a Ofensiva da Primavera já estava delineado. Previa que o V Exército deveria descer a montanha na direção de Bolonha, com o objetivo de cercar ou isolar a cidade, aprisionar as tropas alemãs ao sul do Pó, transpor o rio e chegar ao Passo de Brener. Ao VIII Exército (Inglês) caberia uma ação no flanco E (direito) destinada a limpar a planície do Pó.

O ataque deveria ser iniciado pelo IV C. Ex., ao qual pertencíamos, com duas Divisões em 1º Escalão, a 1ª Blindada e a 10ª de Montanha. À 1ª DIE caberia apenas a missão de manter as posições defensivsas, que já estava ocupando, e ficar em condições de perseguir o inimigo. Na verdade uma missão secundária para quem se portara tão bem nas operações preliminares. Por isto o Mar. Mascarenhas tomou a palavra e disse que ia cumprir sua missão atacando na direção Montese-Montelo e aproveitando o êxito para cerrar sobre o rio Panaro.

Das posições brasileiras distinguia-se bem o maciço de Montese, com sua torre encastelada. Às 13:30 horas, após a preparação de artilharia avança o 11º RI com dois Batalhões em primeiro escalão. Ao Btl. Cândido (III/11º RI) coube o esforço principal da operação, atacando na direção Casone-Cemitério de La Torre — cota 927. No seu flanco W (esquerda) o Btl. Lisboa ataca na direção Montaurigola-Montese-Docea. Cobrindo o flanco oposto o Btl. Syzeno (II/11º RI) avança na direção Possessione-Ca di Bortalino. Há momentos críticos e de grande expectativa mas às 18:15 horas a situação está mais ou menos esclarecida. o Btl. Cândido, depois de

enfrentar obstinada resistência conquista cota 831 a 1 km a NNE de Montese já ocupada pelos homens do Btl. Lisboa. Seguem-se as providências para a passagem a noite. No dia seguinte a luta prossegue pela posse da região de Montebufone-Montelo. Antes do meio dia o Regimento conquista Montebufone e cota 788. Só depois do anoitecer, numa ação muito ousada consegue o Cap. Olegário Memória atingir cota 927, enquanto Btl. Syzeno (II/1º RI) conquista 778, um pouco mais atrás e à direita.

Evidenciou-se que a resistência inimiga aumentava à medida que nosso ataque progredia. Nessa jornada todo o poderio das armas automáticas e da artilharia inimiga se fez sentir. Os 3.200 tiros de artilharia que recebemos, os campos minados e armadilhas causaram pesadas baixas em nossa tropa.

Na jornada de 16, entra em linha o 6º RI, do Cel. Nelson de Melo região de Serreto, substituindo o Btl. Cândido exausto e muito desfalcado. Na cota 927 o Cap. Olegário e seus bravos não puderam ser socorridos, permanecendo isolados até 03:00 horas da madrugada, quando conseguiram retrair, depois de repelirem dois golpes de mão. Os tedescos teimavam em manter essa posição. No dia 17 o IV CEX manda suspender o ataque. A situação estava evoluindo rapidamente e exigia um reajustamento do dispositivo.

Durante os cinco dias de combate em Montese sofremos 426 baixas (34 mortos, 382 feridos e 10 extraviados) e fizemos 453 prisioneiros.

Na noite de 18 para 19 recrudesce a ação da artilharia mas às 03:00 horas quase cessou. Os alemães conseguem romper o contacto e se retiram em toda a frente do V Exército, numa tentativa de atravessar o Pó. Avança nosso Esquadrão de Reconhecimento. Nova missão recebe nossa 1ª DIE que deverá avançar na direção NW, cobrindo o flanco do IV CEX , face ao S e SW.

Em Collechio o Esquadrão se depara com o inimigo ao entardecer e se engaja em combate. O Gen. mascarenhas dirige-se para a região determinando que o 6º RI apóie o Esquadrão e chama o Btl. Ramagem (II/11º RI). No dia seguinte prossegue o combate até que os alemães se rendem, entregando-nos 500 prisioneiros, armas, viaturas e animais. o interrogatório e as informações dão conta da chegada de mais tropa inimiga em retirada. O encontro se dá no dia 28 na região de Fornovo. À noite um Major e mais dois parlamentários chegam às nossas linhas para discutir os pormenores da rendição, atendendo ao Ultimato do Cel. Nelson de Melo que se valera do oferecimeto do Pároco D. Alessandro Cavalli para levá-lo ao Comando Alemão, visando a evitar inútil derramamento de sangue. Mascarenhas manda que se aceite a rendição, obedecidas as leis de guerra, em termos incondicionais. No dia 29, cerca das 13:30 horas chega uma coluna das ambulâncias, dando início à rendição que só terminaria às 18:00 horas do dia seguinte com a apresentação do Gen. Fretter Pico, acompanhado por 31 Oficiais de seu Estado-Maior.

Desde o desembarque brasileiro na Itália, 40 anos são decorridos.

Em memória dos 451 bravos que deram sua vida em holocausto à Pátria e dos 2.722 feridos, acidentados e mutilados, devemos indagar qual a contribuição da FEB para a vitória final. Pois bem.

Nas diferentes fases da Campanha a 1ª DIE entrou em contato com treze Divisões inimigas. Em 239 dias de ação conseguiu fazer 20.573 prisioneiros, dentre os quais, dois Generais e 892 oficiais.

Nos doze dias finais de ofensiva, percorreu 400 km e libertou cerca de 50 vilas e cidades. Incorporou à História Militar Brasileira, as vitórias de Camaoire, Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Zoca, Collechio e Fornovo.

(Instituto do Ceará, Sessão — 20 julho de 1944, Efeméride — 40 anos do desembarque da FEB, na Itália — 16 de julho de 1944)